A FLECHA QUEBRADA DO TEMPO: REFLEXÕES SOBRE NOÇÕES DE TEMPORALIDADE NA TEORIA SAUSSURIANA

Camilla Machado Cruz (UNIOESTE)[1]

Resumo: Este artigo propõe algumas reflexões acerca da temporalidade na teoria de Ferdinand de Saussure, com base na obra *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 1975 [1916]). Considerando que o tempo, além de haver sido um tema de constante perseguição de Saussure, certamente é uma questão aparentemente incontornável na teoria saussuriana, a flecha do tempo pode não se mostrar linear e previsível, mas quebrada, dividida e desordenada. Seria o tempo o único fator responsável pela mudança linguística? Seria o tempo da sincronia o mesmo tempo da diacronia? Essas são questões intrigantes para a teoria saussuriana. Para teorizar essas reflexões, serão interpostas algumas relações entre o Curso de Linguística Geral (Saussure, 1975 [1916]) e textos de linguistas e historiadores da área da História das Ideias Linguísticas, como Engler (1968), Arrivé (2007, 2010), Joseph (2017), Normand (2011), Pétroff (2004) e Swiggers (2017), cujos estudos sobre a teoria do mestre genebrino contribuem de forma crucial para este estudo.

Palavras-chave: Linguística Moderna. Teoria Saussuriana. Curso de Linguística Geral. Temporalidade.

Abstract: This article proposes some reflections on temporality in Ferdinand de Saussure's theory, based on the book Course in General Linguistics (Saussure, 1975 [1916]). Considering that time, in addition to being a topic of constant persecution by Saussure, is certainly a seemingly unavoidable issue in saussurian theory, the arrow of time may not appear linear and predictable, but broken, divided and disordered. Is time the only factor responsible for linguistic change? Would the synchronic time be the same as the diachronic time? These are intriguing questions to saussurian theory. To theorize these reflections, some relationships will be interposed between the Course in General Linguistics (Saussure, 1975 [1916]) and texts by linguists and historians in the field of History of Linguistic Ideas, such as Engler (1968), Arrivé (2007, 2010), Joseph (2017), Normand (2011), Pétroff (2004) and Swiggers (2017), whose studies on the theory of the Genevan master contribute crucially to this study.

Keywords: Modern Linguistics. Saussurean Theory. Course in General Linguistics. Temporality.

1. Considerações iniciais

"Fora do tempo, a realidade linguística não é completa e nenhuma conclusão se faz possível." (Saussure, 1975 [1916], p. 92).

"*Cette flèche est-elle "brisée"?*" (Arrivé, 2007, p. 143).

[1] Doutoranda em Letras – Área de Concentração: Linguagem e Sociedade; Linha de Pesquisa: Memória, Sujeito e Sentido, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE/*Campus* Cascavel). Pós-graduanda em Especialização em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas, pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestra em Letras – Área de Concentração: Estudos Linguísticos; Linha de Pesquisa: Língua, Sujeito e História, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Graduada em Letras – Lic. –Hab. – Espanhol e Literaturas da Língua Espanhola, pela UFSM. Cascavel, Brasil. E-mail: camillcruz@gmail.com.

Inicialmente, é preciso explicitar o quanto a teoria de Ferdinand de Saussure, academicamente conhecido como o mestre genebrino, grande nome da Linguística Moderna, é dotada de múltiplas interpretações que decorrem, fundamentalmente, do arquivo formado pelas notas dos alunos dos cursos ministrados por ele em Genebra, na Suíça, durante alguns anos do período de 1906 a 1911. Nesse sentido, é importante destacar que este trabalho parte da mesma perspectiva teórica de Normand (2011, p. 12), renomada estudiosa do campo da História das Ideias Linguísticas: "[...] ninguém pode pretender exibir a verdade da teoria saussuriana e, menos ainda, o projeto autêntico desse pensador enigmático. É exatamente aí que repousa sua irritante originalidade".

Longe de tentar exibir alguma verdade acerca da teoria saussuriana, esta pesquisa tem como objetivo apresentar algumas reflexões críticas acerca das possíveis noções de tempo presente na teoria do autor do *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 1975 [1916]), publicado pela primeira vez em 1916, a partir das notas dos alunos de seus Cursos, reunidas por editores que podem ser responsáveis por muitas das múltiplas interpretações que ressoam até a atualidade, não só na Ciência Linguística, mas em outras Ciências, visto que se trata de uma obra póstuma e fundadora, a qual não foi formulada pelo autor em formato de livro com a finalidade de ser publicada, mas, ainda assim, é elementar, especialmente para estudantes da área de Letras e de Linguística.

Vale explicitar que a base teórico-metodológica que fundamenta esta pesquisa é o *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 1975 [1916]), objeto desta análise crítico-reflexiva. A fim de alcançar o objetivo proposto, buscarei relacionar o *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 1975 [1916]) a textos de linguistas e historiadores da área da História das Ideias Linguísticas, como Engler (1968), Arrivé (2007, 2010), Joseph (2017), Normand (2011), Pétroff (2004) e Swiggers (2017), pesquisadores cujos estudos sobre a teoria saussuriana contribuem de forma basilar para as complexas relações sobre a temporalidade aqui pretendidas, as quais foram intensamente estudadas e são de complicada, talvez até de impossível, resolução.

Com base em Engler (1968), a concepção da palavra *tempo* na teoria saussuriana é a seguinte: "eixo, continuidade, diacronia, fator, temporalidade" (Engler, 1968, p. 50, tradução minha). Essa definição nos leva a buscar a palavra *temporalidade*, conceituada como: "divisibilidade por pedaços de tempo da cadeia sonora = divisibilidade simples, unilateral [...]" (Engler, 1968, p. 50, tradução minha). Da mesma maneira, é possível consultar a palavra *momento* e encontrar a seguinte definição: "espaço acústico homogêneo, qualquer que seja a

duração, correspondente a um fenômeno [...] Cadeia, tempo [...] Movimento fonatório" (Engler, 1968, p. 35, tradução minha).

Na longa e complexa definição lexical de *diacronia*, é fundamental enfatizar a ideia de que se trata de um "[...] período que passa através dos tempos [...]" (Engler, 1968, p. 19, tradução minha). Além disso, podemos encontrar as definições de tempo *homogêneo* (1968, p. 50), como aquele espaço de tempo necessário para a articulação fonatória, e de *linearidade* (1968, p. 33), como a característica de desenvolver-se em uma só dimensão, a da matéria fônica/acústica em uma ordem sucessiva.

2. A temporalidade na teoria saussuriana

A partir dessas reflexões lexicais preliminares, que podem produzir diversos efeitos de sentido, sobretudo no que se tange ao conceito de linearidade e de mudança linguística, é indispensável contextualizar como a teoria saussuriana apresenta as relações do tempo, fato histórico, com a língua, particularmente no que se refere às noções dicotômicas de mutabilidade e imutabilidade do signo linguístico, em que as forças sociais atuam em função do tempo, e de sincronia e diacronia, o duplo estatuto da Linguística em relação ao eixo do tempo. Igualmente, é importante atentar para o fator temporal no segundo princípio do signo linguístico: a linearidade do significante.

Conforme Joseph (2017, p. 40), "[...] lidar com o tempo foi um problema que perseguiu Saussure desde cedo na sua carreira, e às vezes parece tê-lo obcecado". Dito isso, tendo em vista o propósito deste trabalho final, o qual consiste em propor reflexões críticas sobre a temporalidade na obra de Saussure, principalmente no *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 1975 [1916]), é fundamental esclarecer que serão consideradas as noções mencionadas anteriormente (diacronia/sincronia, imutabilidade/mutabilidade e caráter linear do significante) em relação às concepções de tempo presentes na teoria saussuriana.

Segundo Swiggers (2017), Saussure define a Linguística como um tipo de ciência semiológica que se dedica a estudar a inserção temporal dos sistemas de signos. Entretanto, é preciso ter em vista que, no fato semiológico, o signo estabelece uma relação intrínseca com o tempo, bem como representa uma herança, não um fator, produto de mudança linguística, posto que ele é transmitido pela coletividade das comunidades linguísticas através das épocas, sem possibilidade de mudanças deliberadas e repentinas por parte dos falantes.

Primeiramente, ao tratar-se da mutabilidade e imutabilidade do signo linguístico, é relevante destacar que, com base no *Curso de Linguística Geral* (1975 [1916], p. 89), o fator do tempo é percebido como uma lei universal que "[...] assegura a continuidade da língua [...]" além de ter o efeito de "[...] alterar mais ou menos rapidamente os signos linguísticos [...]". Justamente, os signos linguísticos se alteram porque continuam, independentemente dos fatores que levam à mudança linguística, há um deslocamento inevitável, em todas as línguas, da relação entre o significado e o significante. No entanto, as causas das alterações através do tempo não são visíveis como as causas da continuidade do signo.

Seria o tempo o único fator responsável pela mudança linguística? No que se refere à mutabilidade do signo linguístico, é crucial explicar que, na teoria de Saussure (1975 [1916], p. 89), a língua não é livre e organizável, uma vez que as forças sociais atuam sobre ela e causam efeitos contínuos, ou seja, produzem alterações e deslocamentos consideráveis. Isso ocorre porque a língua deve ser tomada no tempo juntamente com a massa falante, dado que as mudanças linguísticas ocorrem em decorrência dos efeitos da coletividade em relação à marcha do tempo. Desse modo, é possível interpretar que os signos, enquanto fatos semiológicos, são imutáveis na língua e mutáveis na fala, ou seja, um signo não se sobrepõe a outro, não pode apagá-lo ou substituí-lo, ainda que a fala possa produzir novos sentidos para os signos existentes.

Em segundo lugar, desde uma possível perspectiva de tempo diferente, é preciso compreender o segundo princípio do signo linguístico, sendo o primeiro o da arbitrariedade: refiro-me ao princípio da linearidade do significante, determinado como fundamental no *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 1975 [1916]). Para Saussure, todo o mecanismo da língua depende desse princípio do significante, o qual "[...] desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem características que toma do tempo" (1975 [1916], p. 84). Com o propósito de buscar compreender a questão, é essencial observar que o significante possui uma natureza auditiva, que funciona no ato fonatório de realização temporal. Na cadeia falada proposta por Saussure, os significantes se dispõem linearmente, ou seja, um após o outro, em uma linha contínua. Por esse motivo, não existe a possibilidade de pronunciar dois significantes ao mesmo tempo.

Em terceiro lugar, é preciso evidenciar que, na teoria saussuriana, a língua é um sistema de valores puros que podem ser considerados em função deles mesmos e sem a intervenção do tempo, no eixo das simultaneidades, assim como em função do tempo, no eixo das sucessões, onde estão todas as coisas do primeiro eixo com as suas transformações. Nesse sentido, devido à multiplicidade dos signos, Saussure alerta para o fato de que é impossível

estudar as relações no tempo e no sistema ao mesmo tempo. Por isso, é preciso haver uma linguística evolutiva (diacrônica) e uma linguística estática (sincrônica).

Em outras palavras, nos estudos sobre a dicotomia entre sincronia e diacronia, a noção do tempo é compreendida de uma maneira distinta. Segundo Swiggers (2017, p. 23, grifos do autor), nos estudos sobre a dicotomia entre sincronia (estado onde existem valores) e diacronia (evolução para outra sincronia), "[...] se trata do *tempo* não como quadro cronológico de transmissão, mas como tempo interno: aquele das relações sucessivas entre estados de língua".

Nesse tempo interno, o signo se apresenta de duas formas: faz parte do sistema na sincronia, demonstrando um estado da língua em uma relação de oposição, da mesma forma que está entre dois sistemas na diacronia, demonstrando uma evolução da língua em uma relação de renúncia e renovação. Sendo assim, seria o tempo da sincronia o mesmo tempo da diacronia? Essa é uma questão intrigante na teoria saussuriana.

A partir disso, seria interessante refletir se o tempo do caráter linear interfere apenas na fala, enquanto que o tempo da diacronia afeta apenas a língua. A fim de estabelecer possíveis respostas a essa intrigante pergunta, é relevante atentar para o aporte teórico de Pétroff (2004) e Arrivé (2007), pesquisadores que têm posições teóricas completamente opostas em relação à noção/às noções de tempo na teoria saussuriana.[2]

Considerando as discussões teóricas desses dois estudiosos sobre o tempo, as quais não obtiveram sucesso ou unanimidade de opiniões, Arrivé relata, em primeira pessoa, que Pétroff (2010, p. 258, tradução minha): "[...] tomou o lado oposto ao meu, e temos discutido muito longamente juntos, sem conseguir nos convencer". Enquanto, para Pétroff (2004), existem dois tempos diferentes e evidentes (o da linearidade do significante e o da diacronia), para Arrivé (2007, 2010), só existe um único tempo, ou seja, não há evidência desse suposto corte duplo da temporalidade na teoria de Saussure.

Desde o ponto de vista teórico de Pétroff (2004), o tempo da linearidade do significante difere do tempo da diacronia, como dito anteriormente. Para explicar seu posicionamento, é imprescindível diferenciar o tempo como ator das mudanças, o da diacronia, e o tempo do sistema fonológico, o do discurso. Segundo ele, compreender essa diferença seria o primeiro passo para discernir a Linguística Estrutural, a qual percebe um pai no mestre genebrino, no que se refere aos estudos dos estados da língua, da Linguística que propõe Saussure. De acordo com

[2] Há um ponto em que esses dois autores concordam: a visão de que a teoria de Saussure não pode ser reduzida a uma teoria estruturalista.

Pétroff (2004), afirmar que Saussure é estruturalista seria, além de um erro, um desconhecimento de seu pensamento.

A preocupação científica central com a temporalidade é extensa e diversos estudiosos, de diversas áreas, não só da Linguística, se dedicaram a estudar essa questão. Nesse sentido, é essencial sinalizar a importância da publicação da obra *A nova aliança: metamorfose da ciência*[3], de Prigogine e Stengers (1991 [1984]), na qual se postula a Teoria das Estruturas Dissipativas.

A partir dessa teoria e suas ressonâncias nas Ciências, com base em Pétroff (2004), é possível que uma nova concepção de tempo tenha inspirado a teoria saussuriana e provocado ecos nela, no sentido de que um evento fortuito provoca, em certas circunstâncias, a aparição de uma nova ordem. Ou seja, há a assimilação da língua a uma estrutura dissipativa na teoria de Saussure. Com isso, podemos refletir que essa concepção de tempo não deve ser concebida isoladamente, apenas em uma área científica. Tal concepção deve ser pensada nas áreas entre si, em uma relação de interdisciplinaridade, não de transposição teórica simplesmente, pois uma área precisa da outra para estabelecer relações, tanto em suas especificidades, como fora delas.

Em síntese, para Pétroff (2004), o tempo é um ator que está presente em todas as manifestações da língua e é inseparável de sua definição. Dessa forma, a maneira que falamos em determinado período e as mudanças das línguas são efeitos do fator tempo. Por isso, para o teórico, dois tempos completamente distintos se manifestam: o da diacronia na língua e o do discurso na fala.

O tempo da diacronia é considerado como o tempo objetivo dos eventos pontuais sucessivos que provocam reorganizações nos sistemas, como eventos políticos, revoluções, etc. Tais eventos são marcados de forma evidente pela História, como, por exemplo, o tempo do Brasil Império, Brasil Colônia e Brasil República. Por sua vez, o tempo do discurso, da linearidade do significante, seria aquele tempo subjetivo possível de ser cronometrado e realizado fonologicamente, o qual apresenta uma direção mecânica necessária entre o início e o fim da expressão fonológica e da percepção auditiva.

[3] Tal obra marcou época no que concerne aos estudos científicos sobre o tempo, visto que concebeu a descoberta dos processos de auto-organização dos sistemas, realizada por Prigogine (1991 [1984]), a qual rendeu-lhe o Prêmio Nobel de Química de 1977, por sua Teoria das Estruturas Dissipativas. Essa teoria se baseia no princípio de que o tempo penetra todos os níveis da descrição dos fenômenos evolutivos e dos processos de auto-organização. Nesse processo, a desordem seria provocada por um elemento perturbador da ordem, bem como desencadearia, em certas condições, uma nova ordem restabelecida. Dito de outro modo: a desordem daria lugar a uma nova ordem necessária.

Em contraponto, de acordo com Arrivé (2007), o tempo da teoria saussuriana forma uma unidade, um nó fixo, e não desempenha o papel de um ator das mudanças linguísticas, mas a condição pressuposta para o próprio conceito de mudança. Nos estudos de Arrivé (2007)[4], acerca do tempo nas reflexões linguísticas e semiológicas de Saussure, é possível compreender como ele contrasta suas opiniões teóricas com as de Pétroff (2004).

No que se refere à reflexão linguística, Arrivé (2007) esclarece que, à primeira vista, podemos inferir que existem duas maneiras distintas de conceber o tempo: um primeiro tempo linear que intervém na fala (tempo da sincronia) e um segundo tempo que modifica a língua e os signos (tempo da diacronia)[5]. Consequentemente, o autor teoriza que não é possível sustentar o posicionamento de que apenas o significante seria linear, ao questionar se as palavras e os significados não seriam lineares também. Dessa forma, o tempo da linearidade não afetaria só a fala, mas a língua igualmente.

É importante explicitar que Arrivé (2007) critica fortemente a teoria de Pétroff (2004), de que há dois tempos distintos na teoria saussuriana, defendendo a expressão metódica de Saussure (1975 [1916]) ao apresentar duas perspectivas de tempo, uma em relação à linearidade da fala e outra em relação à diacronia da língua, considerando que a mudança diacrônica tem origem na fala. O autor acredita que não é uma diferenciação proposital, indagando se essa divisão não seria somente uma ilusão, uma espécie de impressão causada pela dicotomia língua/fala, não uma diferença de tempos realmente. Ele explica que, indubitavelmente, o tempo que afeta a língua é, sem dúvida, o mesmo tempo que afeta o sujeito do discurso.

No que concerne à reflexão semiológica, Arrivé (2007) afirma que existe uma relação assimétrica entre o aspecto linguístico e o aspecto semiológico, tendo em vista que existem poucas referências à semiologia no *Curso de Linguística Geral* (1975 [1916]), o que ocorre de maneira contrária na Linguística em geral. Segundo o estudioso, Saussure oscila entre dois pontos de vista opostos: ora ele coloca a língua como um sistema análogo a outros, ora ele coloca a língua como um sistema incomparável. No eixo dessa contradição, encontra-se o tempo, desprovido de todo efeito causal sobre os sistemas que o constituem. De acordo com o estudioso, tais sistemas podem evoluir no tempo, mas podem não ser efeitos do tempo.

[4] Nos estudos em questão, o autor também trata da questão do tempo na busca pelos anagramas, diante da qual não nos deteremos neste trabalho.

[5] No primeiro tempo, trata-se de uma linha, um estado, uma extensão mensurável numa só dimensão na cadeia acústica, na matéria fônica em si. Nesse sentido, Saussure (1975 [1916], p. 84) nos adverte acerca das *consequências incalculáveis* (SAUSSURE, 1975 [1916], p. 84) do princípio da linearidade do significante, ainda que este pareça ser um princípio simples demais, dada sua essencialidade. Inversamente, no segundo tempo, trata-se de um tempo agente, como causa e condição necessária para a mudança linguística, diferente do tempo do espaço do discurso.

Em resumo, a partir dessas reflexões semiológicas, Arrivé (2007) compreende que existe um efeito de diferença desses dois tempos: o breve tempo da fala, concebido como o tempo do caráter linear do significante, como, por exemplo, o da recitação do texto legendário[6], em confronto com o longo tempo da evolução histórica desse mesmo tipo de texto, demonstrando as transformações da forma narrativa oral das lendas. Efetivamente, para o autor, a oposição de duas formas temporais distintas na teoria saussuriana se deve ao objetivo didático de facilitar o entendimento semiológico, não a fim de determinar uma função causal ao tempo.

Em oposição à Arrivé (2007), retornamos nosso olhar aos estudos de Pétroff (2004). Em conformidade com os estudos deste último teórico, a visão da Teleologia[7], arraigada a ideia determinista de que tudo precisa ter uma ordem, rejeitando toda a forma de desordem, contribuiu com perspectiva estruturalista de que apenas um tempo é possível para o momento da enunciação, ou seja, para o discurso enunciado linearmente na fala, e para os eventos históricos em evidência que modificam a língua por meio da fala. Em outras palavras, a Linguística Estrutural apresenta o argumento fundamental contra fatos do azar, ditos fortuitos, como causa suficiente para explicar as evoluções da língua.

Conforme Pétroff (2004), a metáfora da partida de xadrez[8] apresentada por Saussure (1975 [1916]) pode auxiliar na compreensão da evolução das línguas e, consequentemente, na diferenciação das duas noções de tempo. No entanto, está dito por Saussure (1975 [1916]) e relembrado por Pétroff (2004) que o único ponto onde a essa comparação possui um defeito é no qual o jogador tem a intenção de deslocar uma peça, ele pode premeditar sua jogada. Porém, isso é impossível ao usar a língua, dadas as fortuitas mudanças linguísticas.

3. Considerações finais

Portanto, desde o meu ponto de vista, ao confrontar o *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 1975 [1916]) com os estudos sobre a teoria saussuriana aqui citados em relação à temporalidade, entendo que a flecha do tempo não é a mesma do ponteiro do relógio ou da linha do tempo que costumamos representar graficamente nas aulas de história, posto que a

[6] Os estudos de Saussure sobre lendas germânicas em relação à fala não formam parte do *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 1975 [1916]), mas de outros manuscritos e conferências do mestre genebrino.

[7] Estudo filosófico das finalidades, ou seja, dos objetivos, elaborado por Platão e Aristóteles.

[8] Vale lembrar que, de acordo com essa metáfora (SAUSSURE, (1975 [1916], p. 104-105), o estado da língua é como uma posição de jogo em um sistema de relações dado. Na partida de xadrez, o valor das peças depende da posição no tabuleiro e o deslocamento de uma peça modifica completamente as relações existentes, sendo que esse deslocamento não tem a ver com o anterior, da mesma forma que desconhece as consequências que produzirá posteriormente.

temporalidade não funciona de forma linear e uniforme, independente da história e da sociedade. Existem falhas que escapam ao tempo cronológico, o tempo do discurso, tido como o tempo da linearidade do significante.

Em consonância com Pétroff (2004), é preciso que um evento perturbador provoque uma desordem e desencadeie a necessidade de que uma nova ordem se estabeleça, em um processo diacrônico significativo de reorganização do sistema na história. Por isso, enunciar uma palavra diversas vezes é fazê-lo de forma diferente a cada vez, ainda que isso não signifique promover um evento que desestabilize a ordem, os sentidos já postos das palavras em sincronia.

Finalmente, diante dessa questão aparentemente insolúvel e incontornável, a flecha do tempo pode não se mostrar linear e previsível, mas quebrada, partida, dividida e desordenada. Evidentemente, as Ciências Linguísticas dependem de outras Ciências para entender as complexas e opacas relações da língua com o tempo, considerando a temporalidade como efeito da historicidade, não apenas do tempo cronológico, o qual convencionalmente chamamos de segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses, etc.

Por fim, longe de tentar exibir a verdade sobre os pensamentos dos autores aqui citados, teóricos renomados no campo das Ciências Linguísticas, retomo o pensamento de Pétroff (2004), pois me posiciono de acordo com a reflexão de que o tempo se faz presente na língua como um ator, estando em todas as suas manifestações. Desde tal perspectiva de temporalidade, a qual ultrapassa a noção de cronologia do tempo da pronúncia, ao apresentar a ideia de que não é possível que a mesma ordem persista, compreendo que o tempo produz efeitos a partir da história e da sociedade, em momentos determinados, enquanto tempo constitutivo, não como simples pano de fundo das movências diacrônicas da língua na história.

Referências

ARRIVÉ, M. Le temps dans la réflexion de Saussure. In: _____. **À la recherche de Ferdinand de Saussure**. Paris: Presses universitaires de France, 2007, p. 119-145.

_____. Petite perplexité sur le temps saussurien. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Paris, n. 63, p. 257-259, 2010.

ENGLER, R. **Lexique de la terminologie saussurienne**. Paris: Spectrum Éditeurs, 1968.

JOSEPH, J. O signo arbre-tree: Imagens e palavras em contraponto no Curso de Linguística Geral. In: ALTMAN, C.; TESTA-TORELLI, L. (Org.). **Por ocasião do centenário do Curso**

de Linguística Geral (1916): Cadernos de Historiografia Linguística do CEDOCH. São Paulo: FFLCH-USP, 2017, p. 28-48.

NORMAND, C. Saussure: uma epistemologia da Linguística. In: SILVEIRA, E. M. (Org.). **As bordas da linguagem**. Uberlândia: EDUFU, 2011, p. 11-30.

PÉTROFF, A. La question centrale du temps. In: _____. **Saussure**: la langue, l'ordre et le désordre. Paris: L'harmattan, 2004, p. 115-132.

_____. Le temps de Ferdinand de Saussure. In: _____. **Saussure**: la langue, l'ordre et le désordre. Paris: L'harmattan, 2004, p. 27-32.

PRIGOGINE, I; STENGERS, I. **A nova aliança**: metamorfose da ciência. Brasília: Editora UNB, 1991 [1984].

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1975 [1916].

SWIGGERS, P. O Curso de Linguística Geral: História e estrutura. In: ALTMAN, C.; TESTA-TORELLI, L. (Org.). **Por ocasião do centenário do Curso de Linguística Geral (1916)**: Cadernos de Historiografia Linguística do CEDOCH. São Paulo: FFLCH-USP, 2017, p. 4-27.